

Gays de Direita e a produção de purificações: uma análise do ativismo homossexual conservador no Instagram¹

Right-Wing Gays and the production of purifications: an analysis of conservative homosexual activism on Instagram

Malena Rojas

Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo, Brasil

Solluá Borges de Souza

Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo, Brasil

Isadora Lins França

Departamento de Antropologia, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo, Brasil

RESUMO

Este artigo investiga o *ativismo homossexual conservador* no *Instagram* e sua função na recomposição moral e afetiva do espaço público brasileiro. A partir de uma etnografia digital realizada entre 2019 e 2022, e da análise de perfis selecionados por atividade e alcance, argumenta-se que o “gay de direita” opera como uma tecnologia de *purificação* simbólica: ressignifica a visibilidade LGBTQIA+ como prova de normalidade, legítima pautas neoconservadoras e contribui para a naturalização de políticas neoliberais. Combinando as noções de pureza, economia afetiva e etnografia de plataformas, o estudo demonstra como *hashtags* e práticas de engajamento atuam como *gatilhos de purificação* e mecanismos de legitimação política. Além disso, demonstra como o *ativismo homossexual conservador* constrói sua atuação não necessariamente a partir

¹ No artigo apresentamos os resultados da pesquisa de iniciação científica intitulada “‘Nossa bandeira não é a sexualidade, é o Brasil’”: mapeando atores e discursos do ativismo homossexual conservador”, de autoria de Malena Rojas, sob orientação de Prof. Dre. Isadora Lins França, e com apoio financeiro do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

Recebido em 3 de novembro de 2025.
Avaliador A: 11 de fevereiro de 2026.
Avaliador B: 20 de fevereiro de 2026.
Aceito em 18 de maio de 2026.



de eixos que articulam gênero e sexualidade, mas da defesa do bolsonarismo enquanto prática moral e de recuperação da *pureza* individual. Para tanto, cria a ideia de um “outro impuro” que, no contexto atual, são as pessoas trans e travestis. Conclui-se que a emergência deste ativismo é uma forma de rachadura social que atravessa as próprias minorias e reconfigura as fronteiras do comum. O artigo aponta implicações para estudos sobre o espectro político da direita e extrema-direita e identidades políticas, e sugere direções para pesquisas futuras.

Palavras-chave: Ativismo homossexual conservador, Direita, Bolsonarismo, Política brasileira, Sexualidade.

ABSTRACT

This article investigates *conservative homosexual activism* on Instagram and its role in the moral and affective recomposition of the Brazilian public space. Based on a digital ethnography conducted between 2019 and 2022, and the analysis of profiles selected by activity and reach, it argues that the “right-wing gay” operates as a technology of symbolic *purification*: it resignifies LGBTQIA+ visibility as proof of normality, legitimizes neoconservative agendas, and contributes to the naturalization of neoliberal policies. Combining the notions of purity, affective economy, and platform ethnography, the study demonstrates how hashtags and engagement practices act as *purification triggers* and mechanisms of political legitimation. Furthermore, it demonstrates how homosexual activism has constructed its actions not necessarily from axes that articulate gender and sexuality, but from the defense of Bolsonarism as a moral practice and the recovery of an individual purity. To this end, the idea of an “impure other” is created, which, in the current context, refers to transgender and travesti people. It concludes that the emergence of this activism is a form of social fracture that crosses existing minorities and reconfigures the boundaries of the common. The article points to implications for studies on the political spectrum of the right and far-right and political identities, and suggests avenues for future research.

Keywords: Conservative homosexual activism, Right wing, Bolsonarism, Brazilian politics, Sexuality.

INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, o Brasil assistiu à consolidação de uma gramática política marcada por polarizações intensas e pela circulação de repertórios morais de pânico e *purificação*². As disputas em torno das sexualidades e dos corpos tornaram-se alguns dos principais eixos de produção de sentido das coalizões neoconservadoras, atravessando tanto a política institucional quanto o cotidiano digital. Nesse contexto, emergiram figuras inesperadas, sujeitos que, em vez de se oporem à moralidade conservadora, reivindicam-na como forma de pertencimento e de distinção. O chamado *ativismo homossexual conservador* expressa, de modo exemplar, esse deslocamento, qual seja, uma articulação entre identidade sexual e alinhamento ao espectro político da direita e da extrema-direita, que reconfigura os contornos do que se entende por “comunidade LGBTQIA+”.

Este artigo investiga as formas de atuação, os repertórios discursivos e os afetos mobilizados por perfis de homens gays conservadores no Instagram, compreendendo-os como parte de uma rede de transmissão e legitimação de valores moralizantes. A pesquisa parte de uma etnografia digital realizada entre 2021 e 2022, em continuidade a um mapeamento inicial conduzido em 2019, centrando-se em perfis com mais de dois mil seguidores e reconhecidos por seu engajamento público em pautas consideradas *conservadoras*. O objetivo é compreender como esses sujeitos constroem autoridade política e moral em seus nichos de atuação por meio de narrativas de *pureza* e *família*, e de que modo suas práticas de visibilidade participam das “rachaduras sociais” que estruturam o atual cenário de polarização brasileira.

A análise dialoga com três eixos analíticos principais: (1) o debate sobre moralidade e pureza (Douglas, 1991), que permite compreender as fronteiras simbólicas e afetivas produzidas pelos discursos de *limpeza* e *normalidade sexual*; (2) o tema dos afetos e política (Cesarino, 2020; Ahmed, 2004), que ilumina o papel das emoções na sustentação de vínculos ideológicos e comunitários; e (3) a questão das plataformas e do digital, que possibilitam apreender a dimensão algorítmica e performativa da circulação discursiva (Hine, 2021). Ao articular esses eixos, o artigo propõe ler o *gay de direita* não como anomalia ou contradição, mas como sintoma de uma reorganização afetiva da esfera pública, na qual o desejo de pertencimento e a busca por *pureza* se aliam a projetos autoritários de sociedade.

Com isso, pretende-se contribuir para o debate proposto pelo dossiê Antropologia das Rachaduras Sociais, ao mostrar que tais rachaduras não se manifestam apenas entre campos políticos opostos, mas também no interior do que entendemos como sendo as próprias minorias

2 Utilizamos *itálico* no texto para demarcar expressões êmicas da pesquisa, além daquelas de grafia estrangeira.

sociais, nas quais novos arranjos morais se estruturam por meio de afetos ambíguos, tais como os de vergonha, raiva e orgulho. As redes sociais digitais, especialmente o Instagram, não apenas veiculam essas tensões, mas as amplificam e estetizam, produzindo uma política da visibilidade que combina performance, doutrina religiosa e autopromoção.

A pesquisa revela, assim, como os discursos do *ativismo homossexual conservador* constroem uma narrativa de *pureza e redenção*, materializada na ideia de *purificação* da política, da sexualidade, e da própria história do movimento LGBTQIA+. Tal processo de “limpeza simbólica” não opera por exclusão frontal, mas pela reconfiguração da diferença em um novo regime de normalidade.

Ao examinar as práticas discursivas, os afetos e as formas de circulação dessas mensagens, o artigo busca compreender o papel do digital na fabricação de novos sujeitos morais e, ao fazê-lo, evidenciar como as tecnologias da comunicação e do afeto participam ativamente da construção das sociabilidades contemporâneas da direita e extrema-direita neoconservadora. Além disso, busca mostrar como o *ativismo homossexual conservador* funciona como tecnologia de *purificação* e rede de legitimação neoliberal.

POLARIZAÇÃO, AFETOS E PURIFICAÇÃO

O Sr. Jair Bolsonaro - Deputado Clodovil [...] A sua *pureza* se assemelha à dessas *crianças*. Se o Parlamento tivesse a *pureza da alma* que V.Exa. tem [...] o Brasil estaria muito melhor. [...] Alguns têm vergonha ou simplesmente fazem algumas piadinhas, mas eu respeito a sua *pureza*, a sua *inocência*. Sou diferente de V.Exa. em muita coisa, mas, na *pureza*, confesso, de vez em quando, penso como V.Exa. O Brasil, este Congresso mostrariam força para poder mudar nosso País se agissem um pouco mais com inocência, com *pureza*, com *alma de criança* do que com alma de velhas raposas astutas, sempre pensando em se perpetuar no poder. [...] Digo “assim” porque uma reeleição para quem é *puro* e honesto é muito mais difícil do que para quem é *impuro e desonesto*. [...] (Jair Messias Bolsonaro, aparte ao Deputado Clodovil Hernandes, Câmara dos Deputados, 17 jun. 2008, grifos nossos).

O aparte de Jair Bolsonaro ao então Deputado Clodovil Hernandes, em 2008, antecipa uma gramática moral que se tornaria central no bolsonarismo: a oposição entre *pureza* e corrupção, inocência e astúcia, alma e cálculo político. Ao elogiar em Clodovil a “pureza da alma” e a “inocência”, Bolsonaro não apenas enuncia um valor pessoal, mas mobiliza um repertório simbólico que associa moralidade à autenticidade e à simplicidade, uma retórica que, anos mais tarde, seria transposta para o imaginário digital de um “povo puro” contra “velhas raposas” e elites impuras. Essa fala, ainda anterior à sua ascensão nacional, já contém o embrião de um discurso que transforma a política em um campo de disputa moral, substituindo o debate político pela performance afetiva da honestidade e da *pureza*. Como se vê, a *pureza* aparece como

categoria fundante da polarização contemporânea, orientando percepções de pertencimento e exclusão. O que no plenário era metáfora de caráter (a alma infantil oposta à corrupção dos adultos), nas redes sociais se tornou uma estética política, qual seja, a *purificação moral*³ do Brasil. Essa estrutura simbólica fornece o pano de fundo para compreender a articulação entre afetos, moralidade e tecnologia no bolsonarismo digital, analisada a seguir.

A polarização contemporânea no Brasil deve ser entendida como uma estrutura moral e afetiva, mais do que uma simples disputa entre posições ideológicas. Ela organiza percepções, produz alianças e orienta afetos que definem quem pertence (“nós”) e quem deve ser expulso do espaço do comum (“eles”). Nesse regime de sensibilidade, a política é vivida como experiência emocional, angariando emoções que transitam entre repulsa, medo, indignação ou orgulho, enquanto a sexualidade se converte em um campo privilegiado de expressão dessas tensões. Ou, como aponta Letícia Cesarino (2020, p. 37), “[...] a guerra cultural digital é menos um debate de ideias do que uma disputa por afetos e por formas de presença no mundo — uma batalha pela produção do comum no interior das plataformas”.

A disputa por afetos, e não apenas por ideias, constitui o terreno em que a moralidade política se reconfigura. Desde meados da década de 2010, temas como “ideologia de gênero”, “cura gay” e “defesa da infância” tornaram-se eixos estruturantes da política brasileira, condensando ansiedades sociais e tensões morais, sendo temáticas que organizam o que Marina Lacerda (2019) caracteriza como a construção de uma coalizão neoconservadora, um agrupamento diverso de setores reacionários às esparsas conquistas de direitos dos movimentos feministas e LGBTQIA+ nas últimas décadas. Esses temas não apenas marcam a ascensão da direita religiosa, mas funcionam como *gatilhos de purificação moral*⁴, mobilizando afetos de medo, nojo e vergonha diante de uma suposta contaminação dos valores nacionais.

As autoras Liziane Guazina e Ana Leite (2021) demonstram, em sua análise sobre o episódio do “kit gay”, como a mídia desempenhou papel ativo na amplificação dessa moralização ao adotar frames de “proteção da família” e “ameaça à inocência”. Para as autoras, a controvérsia

3 O termo designa o conjunto de práticas discursivas e afetivas que produzem distinções entre o “puro” e o “impuro”, o “correto” e o “desviante”, no interior de uma coletividade. Inspirado na leitura clássica de Mary Douglas (1991), entende-se que a pureza não é uma substância, mas um princípio organizador das fronteiras sociais, que confere sentido à ordem e legitima exclusões. No caso do *ativismo homossexual conservador*, o repertório de purificação moral aparece como um sistema de enunciados e performances que busca “limpar” a identidade gay de associações com a esquerda, com o feminismo ou com expressões sexuais consideradas “excessivas”, reconstituindo-a como signo de ordem e normalidade.

4 Utilizamos a expressão *gatilho de purificação* para descrever eventos discursivos ou afetivos que ativam a necessidade de restaurar uma fronteira moral percebida como ameaçada. O “gatilho” pode ser uma postagem, uma fala pública, uma imagem ou um gesto que desperta sentimentos de repulsa, vergonha ou indignação, afetos que, segundo Sara Ahmed (2004), “colam” nos corpos e sustentam formações coletivas. Como mostraremos a partir das redes sociais e postagens analisadas nesta pesquisa, críticas ao governo, à religião ou ao comportamento sexual são tratadas como *impurezas* que precisam ser neutralizadas. Essas reações funcionam como mecanismos de reafirmação identitária, reforçando a *pureza moral* do grupo e a autoridade de quem denuncia a contaminação.

ilustra o modo como o populismo de direita “[...] reconfigura o campo da comunicação pública pela ancoragem moral da política” (Guazina; Leite, 2021, p. 14). Essa ideia é ampliada a partir dos resultados das pesquisas que Vanessa Jorge Leite (2019) desenvolve, autora que complementa essa leitura ao identificar, na “captura da infância”, um processo mais amplo de mobilização moral. Segundo ela, “a defesa das crianças e adolescentes tornou-se um dos campos privilegiados de disputa moral contemporânea” (Leite, 2019, p. 12), em que diferentes grupos sociais projetam ideais de pureza e ansiedades de contaminação. A infância é, assim, convertida em símbolo de inocência ameaçada, ou seja, um dispositivo de purificação que legitima políticas de controle e censura.

Essa articulação entre *pureza*, medo e educação é aprofundada por Fernando Balieiro (2018). O autor mostra que movimentos articulados no entorno de pautas tais quais o projeto “Escola sem Partido”, e de expressões de ordem como “Não se meta com meus filhos”, amplificados nas redes digitais após 2018, instauraram uma pedagogia da desconfiança, na qual a escola é vigiada por pais e igrejas e o professor é reconfigurado como possível corruptor moral. Como sintetiza Balieiro (2018, p. 42), “[...] a escola passou a ser vista como um intruso nocivo na sacralizada relação entre pais e filhos”. A luta contra a “ideologia de gênero”, portanto, não é sobre o conteúdo das aulas, mas sobre quem tem o direito de definir o que é moralmente aceitável, conformando parte da construção de pânicos morais (Bulgareli, 2018, 2020; Lacerda, 2019).

No horizonte teórico de Mary Douglas (1991), esse movimento pode ser lido como uma atualização do princípio de pureza, na qual a ordem social é mantida pela exclusão daquilo que se encontra fora de lugar (*matter out of place*). A sexualidade e o gênero tornam-se fronteiras morais, e a defesa da pureza familiar e infantil passa a funcionar como mecanismo de contenção simbólica. No contexto brasileiro, essa lógica é amplificada pela esfera digital, na qual medo, nojo e indignação ganham circulação instantânea e se convertem em capital político.

Nesse sentido, importa dialogar com Graziela Quintão (2017), autora que historiciza esse processo ao demonstrar que a “nova direita cristã” atualiza uma longa genealogia de cristianização da diferença. Para a autora, a conjunção entre igrejas neopentecostais, política institucional e mídia televisiva permitiu “[...] a formação de um ecossistema discursivo em que a pureza sexual e a defesa da família se tornam eixos de mobilização moral” (Quintão, 2017, p. 92). Essa convergência criou as condições para que gênero e sexualidade fossem convertidos em marcadores de distinção política, reforçando o binarismo entre ‘povo de bem’ e ‘inimigos da nação’.

Como argumenta Sara Ahmed (2004, p. 25), “[...] os afetos não pertencem aos corpos, mas circulam entre eles, criando fronteiras e colando significados.” Essa circulação faz com que emoções como vergonha, raiva e orgulho se tornem tecnologias políticas. É nesse regime

afetivo que se inscreve o *ativismo homossexual conservador*. Nas postagens etnografadas, observa-se a tentativa sistemática de reordenar uma identidade gay política sob o signo da normalidade, esvaziando-a de qualquer história de luta coletiva e reinscrevendo-a em valores cristãos, nacionalistas e heteronormativos. Nos termos de Rodrigo Cruz,

Contrariando estereótipos que tendem a associar a homossexualidade, a bissexualidade e as identidades trans a uma posição política à esquerda, estes ativistas se notabilizaram pela rejeição à esquerda e aos movimentos LGBTQIA+, aos quais se opõem e/ou pretendem rivalizar. Em pouco tempo, tornaram-se figuras recorrentes nos media, saíram às ruas, criaram grupos formais de ativismo e lançaram candidatos aos parlamentos municipais e estaduais (Cruz, 2023, p. 50).

O processo descrito por Cruz evidencia a articulação entre afeto, *purificação* e pertencimento. Ao aderirem à moralidade conservadora, esses sujeitos performam um tipo de “orgulho invertido”, próximo ao que poderíamos chamar de “orgulho de pureza”, que os reinscreve no corpo moral da nação. Trata-se de um mecanismo de recomposição do comum, que transforma a diferença sexual em signo de patriotismo e ordem.

Nos termos de Victor Perrud (2022), essa política se sustenta numa “pedagogia da zombaria”, em que o humor e o ridículo funcionam como técnicas de exclusão. O autor mostra que o deboche é uma forma de purificação simbólica, uma maneira de “reordenar o mundo pela ridicularização do outro” (Perrud, 2022, p. 88). Essa estética do desprezo, presente também nos perfis analisados, reforça o circuito de afetos que sustenta o engajamento digital.

A partir da lógica dos engajamentos midiáticos via plataformas digitais, Cesarino (2020) demonstra que os algoritmos das plataformas amplificam conteúdos emocionalmente intensos, produzindo uma verdadeira infraestrutura de afetos políticos. “Os algoritmos governam a intensidade do vínculo político: não filtram ideias, amplificam afetos.” A visibilidade passa a equivaler ao valor moral, e o engajamento, que se dá por meio de curtidas, comentários e compartilhamentos, converte-se em prova pública de *pureza*. Assim, a *purificação* torna-se também uma técnica de gestão do social, distribuindo emoções, visibilidades e legitimidades.

Dessa forma, a polarização brasileira não se configura apenas como divisão ideológica, mas como um dispositivo de *purificação moral* em que afetos, tecnologias e discursos religiosos se articulam para recompor o laço social em torno da ideia de ordem e limpeza. O *ativismo homossexual conservador* emerge como expressão paradoxal dessa dinâmica, pois busca o pertencimento nacional ao preço da *purificação* da própria diferença, conforme demonstraremos a seguir.

APORTES METODOLÓGICOS DE UMA ETNOGRAFIA DIGITAL

A pesquisa fundamenta-se numa abordagem qualitativa de inspiração etnográfica, nos marcos das discussões metodológicas levantadas por Miller e Slater (2004), Piva (2020), Leaver, Highfield e Abidin (2020) e Hine (2021), voltada à compreensão do modo como o *ativismo homossexual conservador* constrói sentidos políticos e morais na esfera digital. A análise parte da hipótese de que a internet não apenas reflete dinâmicas sociais, mas produz novas formas de moralidade, de pertencimento e de subjetivação política, conformando-se com uma infraestrutura afetiva de circulação de valores e emoções (Cesarino, 2020; Ahmed, 2004). O que, no caso brasileiro, se manifesta na articulação entre conservadorismo, afetos e *purificação moral*.

Compreende-se aqui o digital enquanto uma dimensão que não é apartada da realidade material, mas que a produz e é produzida por ela numa relação de mútua e indissociável constituição (Miller; Slater, 2004). A etnografia digital, nesse sentido, busca compreender práticas e significados tal como se constroem nas interações mediadas por plataformas, e na qual a política é simultaneamente performada, sentida e recirculada. Para Hine (2021), a corporificação, incorporação e cotidianidade da internet contemporânea se dá pela abrangência com que se relaciona a outras estruturas na produção de significados, pelo estímulo à construção de um *self on-line* em relação ao *self off-line* e por estar dispersa e presente no cotidiano. Essas três dimensões orientaram a observação das práticas discursivas e afetivas que compõem o *ativismo homossexual conservador*.

A partir disso, optou-se por um recorte empírico situado na plataforma *Instagram*, uma vez que esta rede se mostrou preterida frente ao *Twitter* (atualmente *X*) pelos perfis analisados em pré-campo, mas privilegiada pelo seu apelo à visualidade e pela diversidade de recursos de interação, como *stories* e *lives* (Leaver; Highfield; Abidin, 2020). Além disso, o *Instagram* permite observar o modo como as imagens, *hashtags* e performances corporais articulam-se à economia afetiva da *purificação moral*, o que faz da plataforma não apenas um campo de observação, mas um dispositivo técnico de produção de moralidade (Cesarino, 2020).

Assim, considerando que o funcionamento do *Instagram* é orientado por algoritmos baseados nas interações do usuário, criou-se um perfil de pesquisa específico, voltado à viabilidade da navegação e à observação participante controlada (Leitão; Gomes, 2018). A coleta foi realizada manualmente por meio da busca por *hashtags*, combinando observação direta e perambulação digital, metodologia que, conforme Débora Leitão e Laura Gomes, permite acompanhar fluxos discursivos e afetivos sem impor fronteiras artificiais ao campo. Foram mapeados ao todo 12 perfis vinculados ao *ativismo homossexual conservador*, a partir dos seguintes marcadores:

#gayscombolsonaro; #gayconservador; #gayconservative; #conservadorismo; #gaydedireita; #gaysdedireita; #gunsrightsaregaysrights; #lgbtconservatives; #gaydireito.

O corpus final resultou em 63 publicações, extraídas de dois perfis principais: *Gays Bolsonaristas* (48.000 seguidores, criado em 2018) e *Gays Paraibanos de Direita* (3.383 seguidores, criado em 2021). Foram consideradas apenas as publicações originais postadas pelos perfis durante os dois períodos de coleta: período 1 (13 fev. a 15 jun. 2019), que coincide com o julgamento do STF que enquadrou a homotransfobia na Lei 7.716/89, o que motivou intensa reação contrária entre apoiadores do bolsonarismo digital, sobretudo o grupo *Gays Bolsonaristas*, com hashtags como #ADO26NÃO, #STFNÃOLEGISLA, #STFVERGONHANACIONAL e #DIREITASEGUEDIREITA; e, período 2 (1º dez. 2021 a 31 mai. 2022): recorte voltado à identificação de transformações discursivas e estéticas após a consolidação do governo Bolsonaro e às vésperas das eleições de 2022.

O critério de seleção de perfis com mais de 2.000 seguidores foi adotado visando identificar nós de circulação com potencial de alcance público, limiar que guardamos em relação aos principais perfis institucionais do movimento LGBTQIA+, como o Grupo Gay da Bahia (GGB), com 21,4 mil seguidores; a Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Intersexos (ABGLT), com 20,7 mil; e a Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA), com 120 mil. Esse corte busca equilibrar representatividade de alcance e densidade empírica, garantindo um número mínimo de postagens para análise qualitativa e reduzindo ruídos causados por perfis inativos.

Cada publicação foi registrada em planilha Excel contendo: link, data, conteúdo resumido, hashtags utilizadas e relação com temas de gênero e sexualidade. Dessa forma, constituiu-se um quadro sinóptico (Piva, 2020) que possibilitou estabelecer relações entre os materiais coletados e realizar uma análise qualitativa orientada pela revisão bibliográfica e pela triangulação teórica. Nesse sentido, a codificação temática seguiu duas etapas: 1º) A identificação preliminar das categorias de discurso (família, religião, sexualidade, política, humor e estética patriótica); 2º) O reagrupamento das categorias em macrotemas analíticos, definidos a partir da literatura: repertórios de purificação, performances de orgulho moral e redes de sustentação neoconservadora.

Os dados quantitativos foram expressos em frequência relativa (%) sobre o total de 63 publicações. A interpretação dos resultados foi guiada pela triangulação entre os dados empíricos, a teoria da pureza de Mary Douglas (1991), a noção de economia afetiva de Sara Ahmed (2004) e os estudos de Cesarino (2020) sobre populismo digital. A análise dos dados foi realizada em conjunto entre as três pessoas pesquisadoras.

Do ponto de vista ético, a pesquisa observou rigorosamente as diretrizes da *Association of Internet Researchers* (AoIR, 2019). Todos os processos de coleta, análise e divulgação de

dados fundamentaram-se no princípio da preservação dos dados coletados e das pesquisadoras. Assim, optou-se por não incluir perfis individuais, ainda que públicos, e por anonimizar os perfis coletados. Assim, os nomes dos perfis que apresentamos neste artigo são fictícios.

RESULTADOS E ANÁLISE: REPERTÓRIOS, AFETOS E REDES

Tendo por base o pré-campo, neste recorte temporal (13/02/2019-15/06/2019), que corresponde à discussão pública da criminalização da homotransfobia pelo Supremo Tribunal Federal (STF)⁵, identificamos dentro dos parâmetros estabelecidos apenas um perfil ligado ao *ativismo homossexual conservador*, o autodenominado *Gays Bolsonaroistas*, criado para impulsionar a campanha eleitoral de Jair Messias Bolsonaro aos moldes do grupo estadunidense *Gays For Trump* (Barone, 2020). O perfil contava com cerca de 48.000 seguidores na data da coleta. No recorte temporal inicial foram coletadas 63 publicações desse perfil (N = 63), correspondente exclusivamente às postagens originais feitas pelo perfil durante o período analisado.

Os materiais coletados revelam, desde o início, uma articulação entre símbolos nacionais, referências religiosas e uma narrativa de proteção moral, compondo uma gramática afetiva de pertencimento e *pureza*. Essa convergência remete ao que Letícia Cesarino (2020) identifica como a infraestrutura afetiva do populismo digital, em que os algoritmos das plataformas amplificam conteúdos emocionalmente intensos e moralmente codificados. Assim, o perfil não apenas divulga ideias políticas, mas também produz e faz circular afetos (medo, indignação, orgulho e repulsa), que sustentam uma experiência moral de engajamento e um sentimento de comunidade entre seus seguidores. Em outras palavras, a política se realiza aqui como experiência afetiva compartilhada, e não apenas como adesão racional a uma pauta ideológica (Ahmed, 2004; Cesarino, 2020).

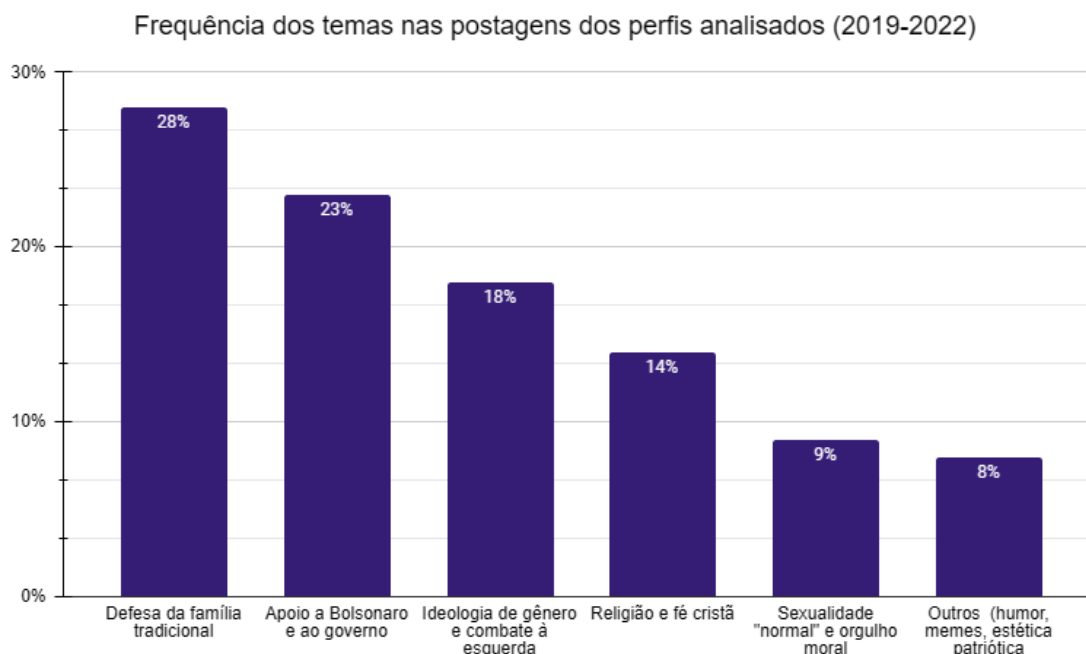
A partir da identificação do perfil *Gays Bolsonaroistas*, foi possível identificar outros 12 perfis do *ativismo homossexual conservador* na plataforma do *Instagram* no período de dezembro de 2021 a maio de 2022. No entanto, apenas dois perfis se enquadraram nos critérios definidos para seleção e coleta de material. O primeiro, *Gays Paraibanos de Direita*, o qual foi criado em maio de 2021, e possuía, à época, 3.383 seguidores e 773 publicações, das quais 5 foram incluídas no corpus final. O segundo, trata-se do perfil *Clô Presente*, o qual possuía 30.7 mil seguidores e 2.079 publicações. Apesar disso, nenhuma postagem referente a temas

⁵ Em 13 de junho de 2019, o STF equiparou a homotransfobia ao crime de racismo com 8 votos a 3.

relacionados a gênero ou sexualidade foi encontrada no período estipulado de coleta, o que reforça a hipótese de uma ampliação do repertório discursivo e temático desses perfis, que passam a atuar mais como canais de sustentação moral e política do bolsonarismo digital do que como espaços de debate identitário.

A seleção por atividade e número de seguidores visou mapear os nós de circulação discursiva mais relevantes, entendendo esses perfis como *hubs* de visibilidade e difusão. Embora alguns deles não apresentem conteúdo explícito sobre gênero, seu papel de replicadores de *hashtags*, memes e declarações políticas os posiciona como canais de legitimação e sustentação simbólica do bolsonarismo digital. Mesmo quando o tema “gênero” não aparece, os afetos mobilizados (orgulho, raiva, *pureza*, indignação) permanecem centrais, compondo o tecido emocional e moral dessa rede (Ahmed, 2004; Cesarino, 2020).

Gráfico 1. Frequência dos temas nas postagens dos perfis analisados (2019-2022)



Fonte: Autoria própria (2025).

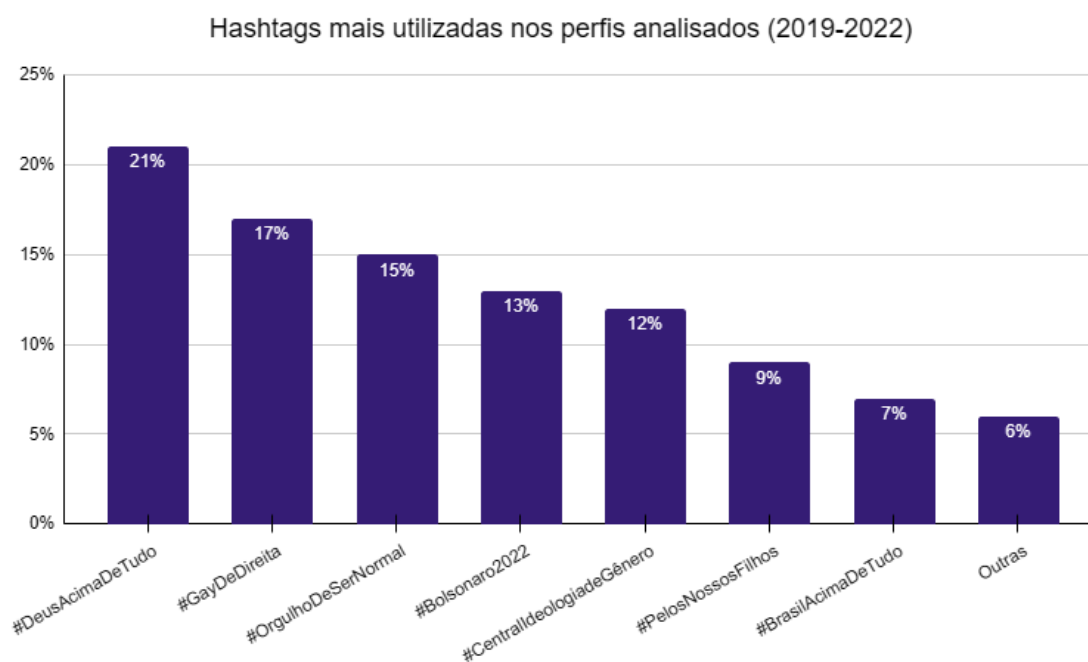
A distribuição temática das publicações evidencia que o núcleo moral do *ativismo homossexual conservador* não se estrutura em torno da sexualidade em si, mas da reafirmação da ordem social e moral. As categorias mais recorrentes, “defesa da família tradicional” e “apoio ao governo Bolsonaro”, articulam todas as demais pautas, compondo o que Mary Douglas (1991) descreve como um sistema de pureza, no qual o desvio deve ser neutralizado

para garantir a estabilidade moral do coletivo.

O destaque conferido à “ideologia de gênero”, terceira categoria mais frequente, demonstra que o discurso antigênero funciona como operador moral, mobilizando medo, repulsa e fé como mecanismos de contenção da diferença. A presença de conteúdos religiosos (14%) reforça a centralidade da fé na produção de autoridade, pertencimento e moralidade política. A adesão a Bolsonaro é tratada não apenas como escolha política, mas como ato de fé moral, um gesto devocional.

Por outro lado, o baixo número de postagens voltadas diretamente à homossexualidade (9%) sugere uma estratégia de *purificação* e normalização da própria identidade gay, um esforço de apagamento da diferença e reabilitação moral. A sexualidade é, assim, reinserida no campo da fé e da moralidade, e não mais da reivindicação de direitos, compondo uma performance de “pureza recuperada”, expressão que sintetiza o deslocamento do orgulho como resistência para o orgulho como conformidade.

Gráfico 2. Hashtags mais utilizadas nos perfis analisados (2019-2022)



Fonte: Autoria própria (2025).

As *hashtags* funcionam como marcadores morais e afetivos, sintetizando em poucas palavras a gramática da *pureza* e da *pertença*. O predomínio de *#DeusAcimaDeTudo* e *#BrasilAcimaDeTudo*, palavras de ordem do bolsonarismo, confirma a fusão entre fé e nação, marcadores maiores de pertencimento, capazes de englobar toda diferença num corpo único.

Enquanto isso, *#GayDeDireita* e *#OrgulhoDeSerNormal* indicam um esforço de ressemantização da identidade gay sob o signo da normalidade, masculinidade e patriotismo.

Essas expressões condensam o que Rodrigo Cruz (2023) define como “rejeição performativa” à esquerda e ao movimento LGBTQIA+, na qual a visibilidade é reapropriada como prova de moralidade. A *hashtag* *#OrgulhoDeSerNormal*, por exemplo, inverte o sentido histórico do orgulho gay, de tal modo que, aqui, o orgulho não é resistência, mas *purificação*. A “normalidade” a que refere a *hashtag* remete à recusa aos “invertidos sexuais”, descrição patologizante associada à homossexualidade no passado, eliminando qualquer distância em relação às expectativas mais normativas em relação a gênero e a sexualidade. A identidade sexual torna-se despida de qualquer significado ou carga histórica, torna-se neutralizada.

Além disso, o uso reiterado de *#ContraIdeologiadeGênero* e *#PelosNossosFilhos* reativa o repertório de *purificação moral* descrito por Fernando Balieiro (2018), no qual a defesa da família e da infância atua como estratégia de vigilância e contenção das práticas dissidentes. As *hashtags* operam, portanto, como *gatilhos de purificação*, acionando afetos coletivos de medo e indignação que, nas redes sociais, geram engajamento e visibilidade (Perrud, 2022; Cesarino, 2020).

Em termos analíticos, o conjunto das *hashtags* evidencia a constituição de uma “economia moral do engajamento”, na qual o valor simbólico de uma postagem é medido pela intensidade emocional que ela provoca. Assim, a *pureza* se converte em métrica algorítmica, de tal modo que, quanto maior o “fervor”, maior a circulação, e quanto maior a circulação, maior a aparência de *verdade*.

Esses dados sustentam a hipótese de que o *ativismo homossexual conservador* atua como tecnologia moral e afetiva, reorganizando os modos de pertencimento político por meio da reconfiguração da diferença. O gráfico das *hashtags*, ao lado da análise temática, torna visível a lógica central desse ativismo, qual seja, *purificar* para pertencer.

Perversões do Movimento LGBTQIA+: conspiracionismo e ideologia de gênero

Eu tenho orgulho de não fazer parte dessa porcaria, é vergonhoso, o que o movimento LGBT se tornou e ficam usando de outras pessoas para impor essa agenda. E ficam falando ‘os conservadores são contra os homossexuais’. Sabe quem estava tentando fazer a discriminação da homossexualidade no Oriente Médio uma pessoa chamada Donald Trump. Tinha o embaixador Richard Grenell que foi enviado para o Oriente Médio para a discriminação da homossexualidade lá. Por que a mídia no Brasil não fala disso? (Cruz, 2022, n. p.).

Um dos fundamentos do *ativismo homossexual conservador* é seu repúdio ao movimento LGBTQIA+, descrito como *corrupto* e *degenerado*. Essa operação discursiva de repulsa, como sugere Sara Ahmed (2004), constitui um “movimento afetivo” em que as emoções de nojo e de

indignação colam significados morais a corpos e grupos específicos. O movimento LGBTQIA+ é representado como integrado por “falsos pregadores da igualdade” e como instrumento de destruição da *família tradicional* e da inocência infantil, reiterando a retórica conspiratória de uma “ideologia de gênero” (Lionço, 2020). Além disso, seria parte de um “esquema orquestrado mundialmente” que induziria crianças e jovens não apenas à homossexualidade e à transgeneridade, mas também à pedofilia.

Essa narrativa alcançou alta visibilidade durante o julgamento da criminalização da homotransfobia, em 2019, e foi atravessada por outro evento simbólico: o assassinato de Rhuan Maycon da Silva Castro⁶. Um caso amplamente mobilizado pelas redes do *ativismo homossexual conservador*, que buscou a sobreposição desses dois eventos reforçando uma moralidade da *pureza* ameaçada, em que a criança torna-se o corpo inocente a ser defendido contra a “contaminação moral”, o que ecoa a já mencionada análise de Vanessa Leite (2019) sobre a infância como campo de disputa moral contemporânea.

As postagens do período mostravam desconfiança das mídias tradicionais, acusadas de omitir deliberadamente o caso de Rhuan, e insistiam que a decisão do STF “protegendo” LGBTQIA+ seria uma manobra globalista para silenciar críticas. Essa articulação de moralidade, teoria da conspiração e *antiesquerdismo* revela o que Cesarino (2020) define como “infraestrutura afetiva do bolsonarismo”, qual seja, uma rede de sentimentos e suspeitas que transforma o medo e o nojo em capital político.

Nas postagens analisadas, o Judiciário e o movimento LGBTQIA+ são apresentados como figuras de *impureza*. A criminalização é descrita como privilégio, não como proteção, e a igualdade jurídica é reinterpretada como injustiça moral. Há, portanto, uma inversão semântica fundamental, na qual os sujeitos antes marcados como desviantes passam a reivindicar para si o estatuto da *pureza* e da normalidade.

Na fala de um dos fundadores do movimento, em destaque na abertura desta sessão, evidenciamos a tentativa de construção narrativa que aproxima o espectro político da direita e da extrema direita à proteção dos direitos dos homossexuais. Na visão dele, há uma tentativa de ocultamento midiático das ações que o presidente dos Estados Unidos da América (EUA) estava a realizar visando a defesa dos direitos dos homossexuais. Tal perspectiva se assemelha com a defesa que é feita da figura de Bolsonaro, visto como um sujeito que respeita as diferenças, desde que manifestas no âmbito privado e fora do alcance do que entendem ser a verdadeira família.

Já em um vídeo publicado em uma das páginas analisadas, uma figura pública que se

6 O assassinato de Rhuan Maycon da Silva Castro, de nove anos de idade, ocorreu quando ele foi esfaqueado e decapitado pela mãe, Rosana Auri da Silva, e sua companheira, Kacyla Pryscyla Santiago, na região administrativa de Samambaia, no Distrito Federal, na madrugada do dia 31 de maio de 2019. (Menino, 2019).

identifica como gay e apoiadora do governo Bolsonaro acusa o movimento LGBTQIA+ de hipocrisia, relatando ter sofrido discriminação por ser afeminado e ex-trabalhador sexual. É interessante notar como o material publicado busca acionar camadas afetivas das pessoas que estão assistindo, o que notamos desde a escolha da música que toca ao fundo, em notas melódicas de piano, à entonação calma e serena de voz.

Identificamos, nesses materiais, uma construção narrativa que busca reforçar o argumento de que o “verdadeiro preconceito” viria do espectro político da esquerda e do próprio movimento LGBTQIA+, assim como o endosso do ideal de *pureza moral* como critério de legitimidade.

Um mártir para chamar de seu: Clodovil, presente!

Retomemos a fala de Jair Bolsonaro ao então deputado Clodovil Hernandes, em 2008, que antecipa uma gramática moral que se tornaria estruturante do bolsonarismo. Nos perfis analisados, a figura de Clodovil reaparece como herói moral e “homossexual de bem”, símbolo da reconciliação possível entre diferença e *pureza*. Fotos, vídeos e citações suas circulam acompanhadas de *hashtags* como #ClôPresente, #GayDeDireita e #OrgulhoDeSerNormal, sinalizando o esforço de inscrever o *ativismo homossexual conservador* dentro de uma genealogia moral. A evocação de Clodovil, o primeiro deputado federal abertamente gay do país (PTC, legislatura 2007–2011), cumpre função dupla, qual seja, a de legitimar o pertencimento político desses sujeitos e neutralizar a acusação de homofobia dirigida ao bolsonarismo (Kalil, 2018). Sua mobilização recorrente também sugere a construção de uma memória política alternativa para a homossexualidade, dissociada das narrativas históricas do movimento LGBTQIA+.

O vídeo mais compartilhado entre os perfis *Gays Bolsonaristas* e *Gays Paraibanos de Direita*, intitulado “Bolsonaro homofóbico?”, resgata precisamente o aparte proferido por Bolsonaro no plenário da Câmara. Nele, o então deputado elogia Clodovil por sua *pureza*, contrapondo-a à corrupção e à esperteza das “velhas raposas da política”. Recontextualizado nas redes, o trecho se converte em evidência moral: Bolsonaro é apresentado como aquele que reconhece e honra o gay puro, o gay de bem, o gay patriota.

Essa circulação digital da fala de 2008 é exemplar do que Cesarino (2020) descreve como a infraestrutura afetiva do populismo digital. O fragmento é mobilizado como prova moral, e não como argumento político. Assim, a relação entre Bolsonaro e Clodovil adquire um valor simbólico que excede a anedota histórica, pois ela fornece o mito de origem da *pureza homossexual conservadora*.

Como observa Perrud (2022), as figuras públicas da nova direita frequentemente recorrem à reencenação de “modelos morais” que traduzem a diferença em vocabulário de regeneração. No caso de Clodovil, essa operação é particularmente eficiente, pois ele já representava uma tensão entre identidade dissidente e respeito à ordem. Em vida, Clodovil foi

crítico ao movimento LGBTQIA+, afirmando que as paradas do orgulho eram “vulgares” e que a luta deveria ser “pela moral e pela família” (Thomaz, 2018, n. p.), posição que favorece sua posterior apropriação como referência moral pelos grupos analisados. Essa ambiguidade é o que permite sua canonização moral, pois ele é lembrado não por sua diferença, mas por tê-la contido.

Nos termos de Mary Douglas (1991), Clodovil é purificado do “fora de lugar” que marca o corpo homossexual; é reintegrado à ordem simbólica por meio do discurso da *inocência* e da *pureza*. A diferença, aqui, é celebrada apenas quando domesticada. A imagem do deputado se transforma em uma espécie de ícone liminar, mediando os mundos da transgressão e da ordem, sendo um corpo gay que “pertence” porque se desvia da própria dissidência.

O perfil *Clô Presente*, dedicado à sua memória, amplifica essa narrativa. Apesar de se apresentar como página memorial, grande parte das publicações não celebra a trajetória artística ou política de Clodovil, mas sim ações do governo Bolsonaro e ataques ao espectro político da esquerda. A figura do deputado é transformada em marca moral de autenticidade, funcionando como ponto de sutura entre a estética gay e a política cristã-nacionalista.

Nesse sentido, Clodovil cumpre, para o *ativismo homossexual conservador*, o papel de mártir e precursor, aquele que abriu o caminho para uma “homossexualidade regenerada”. Sua memória é mobilizada como tecnologia de recomposição do comum, pois reordena as fronteiras da comunidade nacional ao reinscrever a diferença sob o signo da *pureza*, permitindo que sujeitos gays se reconheçam como parte do corpo moral da nação, e como recurso de legitimação simbólica para formas conservadoras de identificação homossexual.

Retomando a perspectiva de Sara Ahmed (2004, p. 25) sobre a circulação dos afetos para além dos corpos, “colando” significados, o afeto que circula em torno de Clodovil, qual seja, o respeito, a nostalgia, o orgulho moral, serve justamente para colar a diferença ao projeto de *pureza* e nação. Ele é o corpo que torna possível dizer “sou gay, mas sou de bem”, um emblema da conversão moral da diferença em patriotismo.

Rede de transmissão e sustentação neoconservadora do governo Bolsonaro

A análise dos perfis revela que o *ativismo homossexual conservador* se integra a uma ecologia digital mais ampla de sustentação do bolsonarismo, atuando como mediador entre as pautas morais e a propaganda política. As publicações mapeadas nos perfis analisados, sobretudo em *Gays Bolsonaristas* e *Clô Presente*, demonstram que a atuação desses sujeitos não se restringe a debates sobre gênero ou sexualidade, mas se estende à defesa direta de medidas e narrativas do governo, como as manifestações em apoio à Operação Lava-Jato e à Reforma da Previdência, amplamente divulgadas em 2019.

Esses perfis operam a partir de tramas de retransmissão simbólica e afetiva. Ao replicar

falas oficiais, memes e slogans do governo, eles convertem o engajamento digital em forma de devoção política. *Hashtags* genéricas como *#Instaday*, *#Instapic* ou *#FollowMe* são estrategicamente utilizadas para ampliar o alcance algorítmico das publicações, garantindo visibilidade e circulação em públicos para além da bolha política (Cesarino, 2020). Essa dinâmica ilustra o funcionamento da infraestrutura algorítmica da moralidade, em que a forma da postagem, sua estética emocional, suas cores, suas repetições, importa tanto quanto o conteúdo.

O perfil *Clô Presente* exemplifica esse mecanismo. Embora se apresente como página de homenagem à trajetória de Clodovil Hernandez, conforme mencionamos, sua função é predominantemente política. Isso porque todas as postagens analisadas estavam relacionadas a pautas da coalizão neoconservadora e ataques à oposição política ao governo de Bolsonaro, sobretudo ao ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva. A memória de Clodovil é transformada em dispositivo de autoridade moral, uma ponte entre estética, celebridade e política conservadora.

A lógica que sustenta essa atuação é descrita por Lacerda (2019) como a “amalgama maligna” do neoliberalismo conservador, uma articulação entre o desmonte do Estado social e a reimposição de uma moralidade hierárquica. O neoliberalismo desresponsabiliza o Estado, enquanto o conservadorismo moral responsabiliza os indivíduos e as famílias pela regeneração da sociedade. Nesse arranjo, a família tradicional é elevada à condição de modelo moral e econômico, e a sexualidade é reprivatizada, deslocada da esfera pública para o domínio da consciência individual (Bulgarelli, 2018, 2020).

A função do *ativismo homossexual conservador*, nesse contexto, é legitimar o projeto político bolsonarista pela via da moralidade. Seus discursos, ao exaltarem a disciplina, a fé e o mérito pessoal, servem para naturalizar a retirada do Estado das políticas sociais. A defesa da *pureza* e da normalidade converte-se, assim, em argumento de eficiência e ordem. A “vida moral” substitui a política pública.

Essa dinâmica fica evidente em episódios como o rebaixamento, em 2019, do Departamento de IST, AIDS e Hepatites Virais do Ministério da Saúde, incorporado a uma área genérica de Doenças Crônicas. A medida representou um retrocesso nas políticas de prevenção e cuidado com populações LGBTQIA+, historicamente vulnerabilizadas (Gomes, 2019). Não encontramos postagens que mencionassem criticamente o rebaixamento do Departamento entre os perfis analisados. Embora o silêncio não permita inferir intenções individuais, sua ausência pública no corpus sugere uma priorização de pautas morais e uma não-mobilização em favor de políticas de saúde, padrão que merece investigação complementar mediante entrevistas e análise de rede.

Dessa forma, o *ativismo homossexual conservador* não atua apenas como expressão de um pressuposto paradoxo identitário (ser gay e de direita), mas como peça funcional de uma engrenagem política maior, responsável por estetizar e difundir a racionalidade neoliberal

em chave moral. Ao mobilizar o vocabulário da *pureza*, da ordem e da família, esses perfis contribuem para a tradução emocional e popular do bolsonarismo, sustentando sua base simbólica e afetiva nas redes.

Em síntese, o que se observa é a consolidação de uma rede de *purificação* política, na qual os afetos, os algoritmos e as moralidades convergem. O *ativismo homossexual conservador* participa dessa maquinaria não apenas como reprodutor, mas como operador, pois ele traduz a diferença em patriotismo e converte o engajamento em fé. A *pureza*, nesse cenário, é tanto o conteúdo quanto o método da comunicação política.

O ATIVISMO HOMOSSEXUAL CONSERVADOR COMO RACHADURA SOCIAL

A emergência do *ativismo homossexual conservador* no Brasil, em especial a partir de 2018, manifesta uma das mais complexas formas de rachadura social contemporânea, qual seja, aquela que atravessa as próprias minorias e as reconfigura internamente. Não se trata apenas de uma disputa entre campos políticos opostos, mas de uma cisão nas bases afetivas e simbólicas do pertencimento, produzida na intersecção entre identidades, moralidades e redes digitais.

Nos discursos analisados, tanto nas postagens do Instagram quanto em declarações públicas, como a entrevista do fundador do Gays com Bolsonaro ao Estado de Minas (“Acabou a história que gay é de esquerda”), observa-se a operação de um mesmo repertório de *purificação moral*. Essa purificação se dá por meio da rejeição do passado ativista e da reconfiguração da identidade sexual como signo de patriotismo, fé e ordem. A sexualidade, outrora marca de contestação, converte-se em emblema de respeito à norma. Assim, a diferença deixa de ser ameaça para se tornar prova de fidelidade à moral conservadora.

Essa transformação discursiva é sustentada por afetos ambíguos, que articulam vergonha, raiva e orgulho. Nos comentários e legendas dos perfis etnografados, o sentimento de vergonha, geralmente direcionado à “esquerda”, ao “movimento LGBTQIA+ tradicional” ou a expressões tidas como “vulgares”, funciona como *gatilho de purificação*. A raiva, por sua vez, aparece como afeto político mobilizador, traduzido em injúrias, ironias e memes que ridicularizam o “ativismo progressista”. Já o orgulho é reconfigurado: não mais orgulho da diferença, mas orgulho de ser “normal”, “cristão” ou “de direita”. Trata-se de uma inversão semântica dos afetos que historicamente marcaram a luta do movimento LGBTQIA+, agora reinscritos para outro campo moral.

Para Mary Douglas (1991), a pureza é menos uma substância do que uma estratégia de ordenamento social: classificar, separar, excluir para preservar a coesão. O *ativismo*

homossexual conservador opera exatamente nesse registro, qual seja, um trabalho simbólico de *purificação* da diferença, que visa produzir fronteiras internas entre os “bons” e os “maus” gays, os “limpos” e os “contaminados” pela esquerda. Essa lógica não apenas reforça as hierarquias morais da sociedade mais ampla, mas também reorganiza as fronteiras do próprio campo das dissidências sexuais.

Sob essa perspectiva, pode ser compreendido, também, como uma tecnologia de recomposição do comum⁷. Ele não destrói o laço social, mas o refaz a partir de outros afetos e alianças, reconfigurando a noção de comunidade. A “rachadura” que ele instaura não é apenas uma ruptura, pois é também um novo modo de fazer sociedade, no qual o pertencimento é condicionado pela adesão a regimes de verdade moral. Ao legitimar-se como “representante autêntico” da população gay e ao desautorizar o movimento LGBTQIA+ “tradicional”, esse ativismo participa da disputa por quem tem o direito de representar o comum, disputa que é, ao mesmo tempo, epistemológica e afetiva.

As redes sociais digitais amplificam essa dinâmica ao oferecerem uma infraestrutura técnica que transforma moralidades em visibilidades. O *Instagram*, plataforma central desta pesquisa, funciona como máquina de ordenamento e legitimação, na qual os algoritmos recompensam conteúdos moralmente polarizadores e emocionalmente intensos. A estética do “gay conservador”, que gira ao entorno dos selfies com bandeiras nacionais, cruzeiros, legendas de devoção e *hashtags* como *#DeusAcimaDeTudo*, exemplifica a fusão entre espetáculo e doutrina (religiosa). O ambiente digital, portanto, não é apenas o meio, mas o dispositivo de inscrição das rachaduras sociais, nos quais afetos e algoritmos se retroalimentam.

Nessa economia moral, a diferença é tolerada desde que reabsorvida pela norma. A visibilidade do “gay de direita” encena uma conciliação impossível, qual seja, a de ser diferente, mas não divergente; ser visível, mas não contestador. A força política dessa performance reside precisamente nessa tensão, já que ela encarna a promessa de reconciliação entre modernidade e tradição, diversidade e hierarquia. Ao performar essa conciliação, o *ativismo homossexual conservador* participa da fabricação de uma nova moral pública, em que o discurso da liberdade individual serve à legitimação da autoridade e da desigualdade.

Por fim, ao inscrever-se em plataformas digitais, esse ativismo produz formas de subjetivação política profundamente conectadas à economia de afetos do aspecto político da extrema-direita. Suas postagens, *lives* e depoimentos não são apenas discursos, mas modos

7 A expressão se inspira no vocabulário do próprio dossiê e remete à ideia de que as rachaduras sociais não apenas dividem, mas produzem novas formas de sociabilidade. “Tecnologia” aqui não se refere apenas ao aparato técnico (como plataformas digitais), mas aos dispositivos simbólicos e afetivos por meio dos quais o social é recombinação. Trata-se de pensar, à maneira de Cesarino (2020), que a política contemporânea é feita por assemblagens de humanos, algoritmos e emoções.

de sentir e fazer sentir. A “rachadura social” que emerge não é uma fratura externa entre blocos políticos, mas uma fissura interna que reorganiza as sensibilidades, redefinindo o que é considerado aceitável, legítimo ou moralmente superior.

Assim, compreender o *ativismo homossexual conservador* é compreender a textura afetiva das rachaduras sociais no Brasil contemporâneo, e que se materializam em fissuras que não se limitam à esfera política, mas atravessam corpos, identidades e redes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir de uma etnografia digital que examinou 63 publicações de dois perfis centrais (*Gays Bolsonaroistas* e *Gays Paraibanos de Direita*) nos períodos de 2019 e 2021–2022, demonstramos que o *ativismo homossexual conservador* opera como uma tecnologia moral e afetiva, que ressignifica a diferença sexual sob os signos da fé, da nação e da normalidade.

Os resultados mostraram que o núcleo discursivo do *ativismo homossexual conservador* não se estrutura em torno da sexualidade em si, mas da reafirmação da ordem moral e política. A “defesa da família tradicional” e o “apoio a Bolsonaro” organizam uma economia emocional em que a *pureza* se torna métrica de pertencimento. *Hashtags* como *#GayDeDireita* e *#OrgulhoDeSerNormal* não apenas reconfiguram a identidade gay sob um registro de masculinidade e patriotismo, mas também invertem o sentido histórico do orgulho como resistência, transformando-o em sinal de *purificação*.

Assim, o *ativismo homossexual conservador* atua como operador simbólico da moralidade neoliberal, sustentando-se pela recusa do desvio e pela promessa de regeneração moral. Ele não apenas apoia o projeto político bolsonarista, mas o traduz em linguagem emocional e performativa, tornando-o circulante e desejável. Ao mesmo tempo, evidencia como a política digital contemporânea é mediada por afetos (medo, nojo, orgulho, fé) que compõem o que Mary Douglas (1991) chamaria de um sistema de pureza, no qual o perigo é constantemente deslocado para fora das fronteiras do comum.

No cenário atual, entretanto, novas formas de ativismo vêm emergindo. Falamos especificamente de redes conservadoras que tentam separar gays, lésbicas e bissexuais de pessoas trans e travestis, sob o argumento de “recuperar o sentido original” do movimento. Essa tendência não apenas ignora o histórico de participação de pessoas trans na emergência dos próprios movimentos sociais de pessoas LGBTQIA+, como prolonga a lógica purificadora observada nesta pesquisa. Se antes a diferença era expurgada entre os espectros políticos da esquerda e da direita, agora ela se reinscreve no interior da própria comunidade LGBTQIA+, fragmentando-a ainda mais. A exclusão das pessoas trans e travestis representa, assim, o ponto

extremo da *purificação moral*, na qual o desvio é novamente nomeado como ameaça à ordem. Em outras palavras, a narrativa da *pureza* torna-se seletiva e hierárquica, relegando travestis e pessoas trans a um status de “outro impuro”.

A *purificação* também pode ser entendida como a reinscrição da sexualidade e do gênero no âmbito do privado, enquanto ocorre sua ressignificação pública sob o signo da moral patriótica e heterodirecionada. A transexualidade, nesse caso, emerge como o ponto de fratura dessa ordem. Por sua própria condição de visibilidade e transformação, a experiência trans desestabiliza a separação entre o público e o privado, entre o corpo e a moral, entre o visível e o nomeável. Ao reivindicar a existência para além das fronteiras domésticas e dos marcos da normalidade, a transexualidade desafia o próprio *dispositivo de purificação* que sustenta o *ativismo homossexual conservador*. Enquanto pessoas trans, não podemos existir entre quatro paredes. Essa impossibilidade é não apenas uma condição política e existencial das vidas trans, mas também uma crítica ontológica à lógica de *pureza* que estrutura o presente.

Mas cabe salientar, também, como essa lógica de exclusão possui implicações profundas. Em termos do movimento LGBTQIA+, a dissidência acaba se tornando objeto de disputa interna, e não apenas externa. O *ativismo homossexual conservador*, ao reivindicar uma “identidade gay ordenada”, oferece ao espectro político da direita e da extrema direita uma nova interlocução identitária que não depende do campo da esquerda ou da mobilização clássica por direitos, já que legitima o conservadorismo através do orgulho moral, ao invés da noção de resistência.

Para pessoas pesquisadoras e agentes de políticas públicas, esse panorama sinaliza dois desafios imediatos. Primeiro, de compreender que a fragmentação interna das pautas relacionadas à comunidade LGBTQIA+ não é apenas uma consequência organizacional, mas um efeito de regimes de moralidade, que se reconfiguram no digital. Segundo, de formular respostas que não se baseiam apenas em reconhecimento formal, mas em redes de solidariedade e justiça que envolvam todas as identidades dissidentes, a partir das diferenças internas existentes, incluindo, inclusive, as que reivindicam *pureza* e desafiam a norma. Reconhecer essa dinâmica é fundamental para entender as novas geometrias dos conflitos de gênero e sexualidade no Brasil contemporâneo.

REFERÊNCIAS

1. AHMED, Sara. **The Cultural Politics of Emotion**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2004.
2. BALIEIRO, Fernando. “Não se meta com meus filhos”: a construção do pânico moral da criança sob ameaça. **Cadernos Pagu**, Campinas, v. 53, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/18094449201800530006>. Acesso em: 1 nov. 2025.

3. BARONE, Isabelle. Quem são os LGBTs conservadores que apoiam Bolsonaro. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 10 jun. 2020. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/vi-da-e-cidadania/quem-sao-os-lgbts-conservadores-que-apoiam-bolsonaro/>. Acesso em: 1 nov. 2025.
4. BULGARELLI, Lucas. Moralidades, Direitas e Direitos LGBTI nos anos 2010. In: GALLEGO, Esther Solano (org.). **O Ódio Como Política**: a reinvenção das direitas no Brasil. 1. ed. 1. v. São Paulo: Boitempo Editorial, 2018. p. 101-107.
5. BULGARELLI, Lucas. Dos direitos de gênero e sexualidade aos direitos antigênero e antisssexualidade no Brasil. In: FACCHINI, Regina; FRANÇA, Isadora Lins (org.). **Direitos em Disputa**: LGBTI+, Poder e Diferença no Brasil contemporâneo. 1. ed., 1. v. Campinas: Editora Unicamp, 2020. p. 393-411.
6. CÂMARA DOS DEPUTADOS. Sessão: 142.2.53.O, 17 jun. 2008. Aparte feito por Jair Messias Bolsonaro ao discurso do Deputado Clodovil Hernandes. Brasília: **Câmara dos Deputados**, 2008. Disponível em: <https://bit.ly/439te5B>. Acesso em: 31 out. 2025.
7. CESARINO, Leticia. Como Vencer Uma Eleição Sem Sair De Casa: A Ascensão Do Populismo Digital No Brasil. **Internet & Sociedade**, [s. l.], n. 1, p. 91-120, 2020. Disponível em: <https://revista.internetlab.org.br/wp-content/uploads/2020/02/Como-vencer-uma-eleic%C3%A7%C3%A3o-sem-sair-de-casa.pdf>. Acesso em: 1 nov. 2025
8. COM ajuda de companheira, mãe mata e esquarteja filho de 9 anos no DF. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 2 jun. 2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2019/06/com-ajuda-de-companheira-mae-mata-e-esquarteja-filho-de-9-anos-no-df.shtml>. Acesso em: 1 nov. 2025.
9. CRUZ, Márcia Maria. Fundador do Gays com Bolsonaro: ‘Acabou a história que gay é de esquerda’. **Estado de Minas Gerais**, Belo Horizonte, 15 set. 2022. Disponível em: <https://www.em.com.br/app/noticia/diversidade/2022/09/15/noticia-diversidade,1391357/fundador-do-gays-com-bolsonaro-acabou-a-historia-que-gay-e-de-esquerda.shtml>. Acesso em: 18 mai. 2026.
10. CRUZ, Rodrigo Rodrigues da. **Rompendo o armário político da internet e nas ruas**: os ativismos LGBTQIA+ à direita no Brasil (2013-2020). 2023. Tese (Doutorado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, Portugal, 2023. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10362/159281>. Acesso em: 31 out. 2025.
11. DOUGLAS, Mary. **Pureza e perigo**: ensaio sobre as noções de poluição e tabu. Lisboa: Edições 70, 1991.
12. FUNDADOR do Gays com Bolsonaro: ‘Acabou a história que gay é de esquerda’. **Estado de Minas**, [s. l.], 15 set. 2022, Diversidade. Disponível em: <https://www.em.com.br/app/noticia/diversidade/2022/09/15/noticia-diversidade,1391357/fundador-do-gays-com-bolsonaro-acabou-a-historia-que-gay-e-de-esquerda.shtml>. Acesso em: 30 out. 2025.
13. FRANZKE, Aline Shakti; BECHMANN, Anja; ZIMMER, Michel; ESS, Charles; ASSOCIATION OF INTERNET RESEARCHERS (AoIR). **Internet Research**: Ethical

- Guidelines 3.0. AoIR, 2019. Disponível em: <https://aoir.org/reports/ethics3.pdf>. Acesso em: 31 out. 2025.
14. GOMES, Rodrigo. Bolsonaro acaba com Departamento de AIDS e revolta organizações e ex-ministro da saúde. **Rede Brasil Atual**, [s. l.], 25 maio. 2019. Disponível em: <https://www.redebrasilatual.com.br/cidadania/2019/05/bolsonaro-departamento-aids-revoltaorganizacaoes/>. Acesso em: 10 set. 2022.
 15. GUAZINA, Liziane Soares; LEITE, Ana Gabriela Guerreiro. Frame sponsorship e populismo de direita no Brasil: o “kit gay” na Folha de S.Paulo. **Líbero**, São Paulo, ano 24, n. 48, p. 73-99, 2021. Disponível em: <https://seer.casperlibero.edu.br/index.php/libero/article/view/1517>. Acesso em: 1 nov. 2025.
 16. HINE, Christine; PARREIRAS, Carolina; LINS, Beatriz Accioly. A internet 3E: uma internet incorporada, corporificada e cotidiana. **Cadernos de Campo**, São Paulo, v. 29, n. 2, p. e181370, 2021. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/view/181370>. Acesso em: 10 set. 2022.
 17. JUNQUEIRA, Rogério Diniz; CÁSSIO, Fernando; PELLANDA, Andressa. Políticas educacionais de gênero e sexualidade no Brasil 2020: enquadramentos e enfrentamentos. In: FACCHINI, Regina; FRANÇA, Isadora Lins (org.). **Direitos em Disputa: LGBTI+, Poder e Diferença no Brasil contemporâneo**. 1. ed. 1. v. Campinas: Editora Unicamp, 2020. p. 189-216.
 18. KALIL, Isabela. **O que são e no que acreditam os eleitores de Jair Bolsonaro**. Relatório do Núcleo de Etnografia Urbana e Audiovisual (NEU) da FESPSP. São Paulo: Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo, 2018. Disponível em: <https://www.fespsp.org.br/upload/usersfiles/2018/Relat%C3%B3rio%20para%20Site%20FESPSP.pdf>. Acesso em: 10 set. 2022.
 19. LACERDA, Marina Basso. **O novo conservadorismo brasileiro: de Reagan a Bolsonaro**. Porto Alegre: Zouk, 2019.
 20. LEAVER, Tama; HIGHFIELD, Tim; ABIDIN, Crystal. **Instagram: Visual Social Media culture**. Cambridge: Polity Press, 2020.
 21. LEITÃO, Débora Krishke; GOMES, Laura Graziela. Gênero, sexualidade e experimentação de si em plataformas digitais on-line. **Civitas**, Porto Alegre, v. 18, n. 1, p. 171-186, jan.-abr. 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/civitas/a/nwXnqygKyxd4rsns5YRjvLP/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 1 nov. 2025.
 22. LEITE, Vanessa Jorge. A captura das crianças e dos adolescentes: refletindo sobre controvérsias públicas envolvendo gênero e sexualidade nas políticas de educação. **Série-Estudos**, Campo Grande, v. 24, n. 52, p. 11-30, set./dez. 2019. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1984-6487.sess.2019.32.07.a>. Acesso em: 1 nov. 2025.
 23. LIONÇO, Tatiana. “Ideologia de gênero” como elemento da retórica conspiratória do “Globalismo”. In: FACCHINI, Regina; FRANÇA, Isadora Lins (org.). **Direitos em Disputa: LGBTI+, Poder e Diferença no Brasil contemporâneo**. 1. ed. 1. v. Campinas: Editora Unicamp, 2020. p. 373-392.

24. MENINO Rhuan foi decapitado ainda vivo e levou 12 facadas, aponta laudo. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 11 jun. 2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2019/06/menino-rhuan-foi-decapitado-ainda-vivo-e-levou-12-facadas-aponta-laudo.shtml>. Acesso em: 18 maio. 2026.
25. MILLER, Daniel; SLATER, Don. Etnografia on e off-line: cibercafés em Trinidad. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 10, n. 21, p. 41-65, 2004.
26. PERRUD, Victor Rafael. “Che Guevara odiava gays”: (anti)modelos e valores da nova direita no YouTube. **Revista Open Society**, [s. l.], v. 12, n. 2, p. 75–98, 2022. Disponível em: <https://eped.filch.usp.br/sites/eped.filch.usp.br/files/inline-files/PERRUD%2C%20V.%20R.%20Che%20Guevara%20odiava%20gays%20-%20%28anti%29modelos%20e%20valores%20da%20nova-direita%20no%20YouTube.%202022.pdf>. Acesso em: 1 nov. 2025.
27. PIVA, Felipe Paes. Estratégias antropológicas incipientes para uma etnografia digital: uma discussão a partir de narrativas midiáticas sobre violências sexuais, de gênero, e trotes numa Faculdade de Medicina. **Cadernos de Campo**, São Paulo, v. 29, n. 2, e175324, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9133.v29i2pe175324>. Acesso em: 1 nov. 2025.
28. QUINTÃO, Graziela Ferreira. A nova direita cristã: alianças, estratégias e transfiguração do discurso religioso em torno do projeto de cura gay. **Estudos de Sociologia**, Araraquara, v. 22, n. 42, p. 53-71, jan.-jun. 2017. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/estudos/article/view/9431>. Acesso em: 1 nov. 2025.
29. THOMAZ, Danilo. Gay de Direita, Clodovil é lembrado por polêmicas no Plenário. **Época**, [s. l.], 18 jun. 2018. Disponível em: <https://epoca.oglobo.globo.com/politica/noticia/2018/06/gay-de-direita-clodovil-e-lembradopor-polemicas-no-plenario.html>. Acesso em: 10 set. 2022.

Malena Rojas

Mestranda em Antropologia Social pelo Programa de Pós-graduação em Antropologia Social da Universidade Estadual de Campinas. ID ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-5089-0325>. Colaboração: Pesquisa Bibliográfica, Pesquisa empírica, Análise de Dados e Redação. E-mail: m199755@dac.unicamp.br

Solluá Borges de Souza

Doutoranda em Ciências Sociais pelo Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da Universidade Estadual de Campinas. ID ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2414-8056>. Colaboração: Análise de Dados, Redação, Ilustrações e Revisão. E-mail: borgespsouza@gmail.com

Isadora Lins França

Professore vinculade ao Departamento de Antropologia da Universidade Estadual de Campinas. Doutore em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas. ID ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9884-1059>. Colaboração: Análise de Dados, Redação e Revisão. E-mail: doralins@unicamp.br